

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1\$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1\$000 reis. Numero avulso, 100 reis.

Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.



Conego Homem de Gouveia

DEPUTADO NACIONALISTA

SUMMARIO

Texto

Conego Homem de Gouveia
Chronica quinzenal, por P.
Secção piedosa:—Indicador religioso da quinzena; Evangelho; Apostolado da Oraçãõ; Maria e Jesus, por X.
Documentos Pontificios:—Carta Encyclica de S. S. Pio X sobre a catechese christã, (continuaçãõ).
Varia:—O tricentenario do «D. Quixote», por Ibero.
Escriptos religiosos:—Incredulidade, pelo P.

José Victorino Pinto de Carvalho, Abbade de Mancellos.
Boletim scientifico:—Prophylaxia das sesões, pelo Dr. ***
Retrospecto da Quinzena.

Gravuras

Conego Homem de Gouveia.
Abbadia antiga.
Castello medieval.
Aldeãos doentes de malaria descendo o Tibre (quadro de Hebert).

Conego Homem de Gouveia



O nome prestigioso do rev.^o Conego Homem de Gouveia, illustre deputado nacionalista, echoou ha poucos dias por todo o Portugal, como echoam os nomes dos verdadeiros heroes, após a nova dos feitos, que hão-de passal-os á immortalidade da Historia

Eleito deputado pela Madeira, o rev.^o Conego Homem de Gouveia já vinha precedido da fama de um intemerato luctador; por isso todos nós aguardavamos anciosamente a occasião propicia em que se podessem revelar os seus valiosos dotes de parlamentar.

Surgiu, pois, levada ao parlamento, a infeliz questãõ de Bragança; foi mistér responder á portaria emanada do ministerio da justiça e dirigida ao prelado d'aquella diocese. Então, em plena camara dos deputados, alça-se a figura já agora inconfundivel do rev.^o Conego Homem de Gouveia, e, rompendo galhardamente o fogo, consegue insultar os primeiros germens de morte no regalismo encarnado no ministro Alpoim.

A maneira digna e ponderosa como o rev.^o

Conego Homem de Gouveia levantou a luva, atirada, n'esse indigno repto, ás faces dos catholicos portuguezes, foi tal, patenteou n'esse lance tamanho ardor na lucta pelas excelsas prerogativas da Igreja que toda a nação portugueza fremiu de entusiasmo louco por ver no seu parlamento surgir como que uma evocaçãõ das suas cavalheirescas figuras antigas.

Nós, exarando agora na nossa galeria de honra o retrato do ardoroso deputado nacionalista, cum primos um inadiavel dever, porque bem merece o rev.^o Conego Homem de Gouveia a admiração e a estima dos verdadeiros portuguezes.

Por isso archivamos jubilosamente o seu retrato na nossa revista, fazendo-o acompanhar d'estas duas linhas, pallidas interpretes da nossa homenagem que, posto seja humilde, é sincera e enthusiastica.

Ao rev.^o Conego Homem de Gouveia os nossos mais vivos applausos d'envolta com a nossa mais perduravel admiração.

Chronica Quinzenal

Já está iniciada entre nós a villegiatura politica de verão, em virtude do encerramento das côrtes a que deu motivo a crise ministerial, pela sahida do titular da pasta da justiça, cons. Alpoim.

Ficou, pois, em um periodo de calmaria a celebre questão dos tabacos, se bem que de vez em quando haja algum tiroteio jornalístico a proposito d'ella.

Os jornaes diarios continuam ainda tratando da cisão José Luciano-Alpoim. De parte a parte não se poupam as diatribes, podendo já declarar-se como definitivamente estabelecida. Espera-se, pois, para muito breve uma grande barrela politica.

Como noticia mais palpitante temos a da visita dos illustres deputados nacionalistas, Conego Homem de Gouveia e dr. Peixoto Correia ao norte do país, isto é, ao Porto, Braga e Vianna.

O modo entusiastico e caloroso como foram recebidos, as manifestações de que foram alvo, as fundas sympathias que arraigaram, foram uma longa serie de triumphos para o partido nacionalista.

Aqui, no Porto, além d'uma sessão solemne, foram-lhe offerecidos dois jantares: um promovido pela redacção da «Palavra», para o qual convidou este nosso illustre collega a imprensa catholica do norte, e outro da iniciativa do centro nacionalista d'esta cidade.

Foi esta, em summa, uma proficua viagem de propaganda em prol dos nossos ideaes, que ha de ter salutar influencia n s destinos politicos do nosso Portugal.

Eis o que ha digno de registro por cá.

Se lançarmos a vista pelo que vae lá fóra, quedamo-nos apenas deante da Russia, que é para onde na actualidade estão convergidos todos os olhares. Simultaneamente, pelas suas affinidades, tambem são elles atrahidos para o Extremo Oriente.

Da Russia continuam os jornaes diarios a publicarem noticias sensacionais de massacres, attentados que fazem estremecer os animos mais endurecidos. As classes baixas continuam ainda agitadas, mostrando uma tenacidade insuadita. As grèves proseguem, rebentando nos centros mais industriaes do imperio. Os representantes dos *zemstvos* approvaram em parte uma memoria na qual se indicam medidas a tomar: a suppressão do estado de sitio, dos poderes discretionarios dos chefes dos districtos; liberdade de reunião e de associação; liberdade de imprensa.

Não obstante estas difficuldades internas, a Russia continua ainda na lucta com o Japão, que, conquanto tenha sido o vencedor, já se vae sentindo cansado e exaustão, ao passo que o seu exercito se vae afastando da costa para o interior da Manchuria. Se depois da grande batalha de Mukden os dois exercitos pareçam immobilizados é porque procuram refazer-se das enormes perdas soffridas de parte a parte. A Russia já tem mandado depois d'isto 100:000 homens para o theatro da guerra, que com o grosso do exercito se está fortificando na linha Tehantou ao In-ton-djon. Pela sua parte o Japão tambem não está inactivo.

Quanto ás esquadras, parece que o almirante russo pretende attrahir a esquadra do Japão para longe da sua base de operações, afim de combater em condições mais favoraveis; mas o almirante Togo, comprehendendo estes designios, recusa-se a sahir das aguas do Japão, obrigando a esquadra russa a um longo cruzeiro nas costa da Indo-China, que pela sua frequencia aos portos francezes já tem dado logar a differentes protestos por violação da neutralidade. Ultimamente fallou-se na doença e demissão de Rodjestvensky, o almirante russo.

P.

Secção piedosa

Indicador religioso da quinzena

Junho

- 1—Quint. *Ascensão do Senhor*. Dia santo de guarda. S. Firmo.
- 2—Sext. (Abst. de carne). S. Eugenio, Papa. Faz 70 annos o SS. Padre Pio X.
- 3—Sab. Santa Clotilde. S. Ovidio, Arcebispo de Braga.
- 4—Dom. (da oitava da Ascensão). S. Francisco Caraciolo, Conf.
- 5—Seg. S. Bonifacio, B.
- 6—Terç. S. Norberto, B.
- 7—Quart. S. Roberto, Ab.
- 8—Quint. Oitava da Ascensão. S. Salustiano, B.
- 9—Sext. (Abst. de carne). S. Pelagia, V. M.
- 10—Sab. *Jejum*. Vigilia do Espirito Santo. Santa Margarida, rainha da Escocia.
- 11—Dom. do *Espirito Santo* (ou Pentecostes). S. Barnabé, Ap.
- 12—Seg. (Dia santo abolid.). 1.^a oitava. S. João de S. Fegundo.
- 13—Terç. 2.^a oitava (abolid.). S. Antonio de Lisboa.
- 14—Quart. *Temporas, jejum*. (São dispensados os fiéis que satisfizerem as condições do inculto). S. Basilio Magno, B. e Dr. da Egreja.

Evangelho

(Domingo do Pentecostes)

N'aquelle tempo disse Jesus a seus discipulos: Se alguem me ama, guardará a minha palavra, e meu Pae o amará, e nós viremos a elle, e faremos n'elle morada; e que não me ama, não guarda as minhas palavras. A palavra que tendes ouvido não é minha, mas sim do Padre que me enviou. Estas coisas vos tenho dito, permanecendo o invosco. Mas o Consolador, que é o Espirito Santo, a quem o Pae enviará em meu nome, vos ensinará todas as cousas, e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito. A paz vos deixo, a minha paz vos dou; eu não vol-a dou, como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem fique sobresaltado. Já tendes ouvido o que eu vos disse: Eu vou e venho a vós. Se vós me amasseis, certamente havieis de folgar de que eu vá para o Pae, porque o Pae é maior do que eu. Eu vol-o disse agora, antes que succeda; para que, quando succeder, o crezeis. Já não fallarei muito o invosco; porque vem o principe d'este mundo e elle não tem em mim coisa alguma. Mas para que o mundo conheça que eu amo ao Pae e que faço como elle me ordenou.

S. João. cap. XIV, 23-31.

Apostolado da oração

Intenção geral de Junho:—O mez do Sagrado Coração.

Oração quotidiana durante o mez:—Dulcissimo Coração de Jesus, eu vos offereço, por meio do Coração Immaculado de Maria, as orações, obras e soffrimentos d'este dia, em reparação de nossas offensas e por todas as intenções, pelas quaes vos immolae continuamente sobre o altar. Eu vol-as offereço em particular, para que o mez do Sagrado Coração seja celebrado em toda a parte com fervor.

Resolução apostolica: Tomar parte nos exercicios do mez do Sagrado Coração.

Maria e Jesus

As glorias de Maria têm por objecto a gloria de Jesus Christo. Tudo quanto Deus fez pela SS. Virgem, as suas virtudes incomparáveis, a sua maternidade divina, a sua realza no céu, não teve outro fim ultimo senão o da glorificação do Salvador.

Sobre a terra, Maria foi pessoalmente o amparo do seu divino Filho, trouxe-o nos braços, apertou-o ao seio, amamentou-o com o seu leite; defendeu-o contra os furores de Herodes, pela resolução do exilio; defendeu-o emfim contra as angustias da paixão e morte da cruz, pelo acto heroico que o *Stabat* canta.

Maria, segundo o Evangelho, contribuiu d'esta maneira para a gloria de Jesus. Enquanto Jesus teve de estar occulto, Maria pôz-se em evidencia; mas desaparece apenas Jesus começa a sua obra. Durante os tres annos da vida publica, Maria mantém-se afastada, não toma a menor parte nos trabalhos do Salvador. Mesmo quando ella mesma se torna Rainha do céu e toma parte á direita de seu Filho, não se dirige ao povo fiel para que lhe publique o seu nome até aos confins da terra, mas espera tranquilamente o tempo em que a sua gloria poderá contribuir para servir a de seu Filho.

Ha, sem duvida, n'este afastamento voluntario de Maria, razões graves. Maria sendo cheia de graça, e Jesus vindo para os peccadores, convinha, por exemplo, que Aquelle que vinha reunir as ovelhas desgarradas, não se preocupasse com Aquella que é a cabeça do rebanho. Demais, sendo a humildade a virtude fundamental de Maria, devemos pensar e devemos dizer que o motivo principal do retiro de Maria era fazer brilhar mais e mais a obra do Messias. Emfim, a sua qualidade de creatura, de mulher, e de mãe, impunha-lhe o dever de ceder o passo a seu Filho, de fazer-se sua serva, de não abrir um caminho no coração dos homens senão pela voz da doçura e da persuasão.

Mas quando o nome de Jesus foi calcado, Maria sentiu reanimar-se-lhe o zelo; quando o Emmanuel foi renegado, a Mãe de Deus entrou em scena e permittiu que se honrasse a Mãe para consolidar o throno do Filho.

Quando Eutyches e Nestorius atacaram a pessoa de Jesus Christo, disse S. Cyrillo: «Se alguém não confessar que o Emmanuel seja o verdadeiro Deus e por conseguinte a SS. Virgem seja a Mãe de Deus, pois que ella o gerou segundo a carne, seja anathema».

Os concilios de Alexandria, Epheso e Calcedonia repetem esta declaração. Os Papas confirmam a sentença dos Padres. A Igreja, sob a conducta de Deus, para expulsar os hereticos, não encontra meio mais eficaz nem mais seguro do que adoptar a palavra *deipara* e erigir altares a Maria a dentro de todos os santuarios.

«A devoção á SS. Virgem, diz o abbade Thiebaud, é tão antiga como a Igreja, pois que é inseparavel dos grandes mysterios da religião. Desde tempo immemorial, houve praticas mais ou menos especiaes e outras mais geraes que todas respiram uma teína e respeitosa confiança para com Maria. Desde o seculo XIV, a Igreja consagrava já tres momentos por dia a uma oração a Maria; é o *Angelus* que recitamos ainda. Em seguida, a Igreja consagrou em honra da Virgem um dia por semana; e é o sabbado que é o dia de Maria, assim como o domingo o é do Senhor. Mais tarde, houve igualmente, em honra de Maria, uma festa por mez, sem contar as bellas instituições do Rosario e do Escapulario que produzem, ainda hoje, fructos da maior edificação na Igreja de Deus. De sorte que se pode dizer que cada uma das praticas do culto de Maria tem, como as flores d'um bello canteiro, o seu dia de brilho».

Agora ajuntemos nós que, em nossos dias se addicio-

nou a definição dogmatica da Immaculada Conceição, definição á qual a Igreja ligou grandes esperanças, diamante novo para realçar o diadema das prerogativas de Maria. Demais, sem contar as homenagens que a SS. Virgem a si reservou na imprensa, nas cathedras, nos exercitos, nós consagramos a Maria entre os doze mezes um mez: o mez das flores e dos doces canticos, devoção que descera do céu para espargir á flux sobre a terra torrentes de benções.

Ora tudo isto se fez com a permissão de Deus e pela vontade de Maria afim de que o culto da SS. Virgem defendesse o corpo, a alma e a divindade de Jesus Christo contra o indifferentismo, o sensualismo, o protestantismo e a revolução. Isto fez-se para que Maria cubra Jesus com a sua pessoa, não fazendo valer os seus titulos ás nossas homenagens senão para proteger o Homem-Deus.

«E assim, diz o *Antiphonario*, eu fui restabelecida em Sião, repousei na cidade santa, e o meu poder estava em Jerusalem. Tomei raiz no meio d'um povo honroso e fui retida na plenitude dos santos; fui exaltada como um cedro do Libano, como um cypreste de Sião: estendi os meus braços como os ramos d'um terebyntho, e os meus braços são braços de honra e perdão».

X.



Documentos Pontificios

Carta Encyclica de Sua Santidade Pio X

Sobre a Catechese Christã

(continuação)

CORRUPÇÃO DE COSTUMES

Se é assim, Veneráveis Irmãos, porque nos admiramos que a corrupção dos costumes e a depravação sejam tão grandes e cresçam de dia para dia, não digo entre as nações barbaras, mas entre os mesmos povos que usam o nome christão? E' com razão que o apóstolo S. Paulo, escrevendo aos Ephesios, dizia: «Que nem a falta de castidade, nem qualquer outra impureza, nem a avareza sejam nomeadas entre vós como convém entre santos, nem a infamia, nem os loucos discursos.» (1)

Mas elle collocou como fundamento a esta santidade e a este pudor, que moderam as paixões, a sciencia das coisas divinas. «Por isso, irmãos, procedei de maneira a caminhar com precaução, não como insensatos, mas como sabios. Por essa razão não vos torneis imprudentes, mas comprehendei qual é a vontade de Deus.» (2)

E o apóstolo tem razão; porque a vontade do homem conserva a custo qualquer coisa d'esse amor da honestidade e da justiça posta n'elle por Deus, seu creador, que o arrastaria por assim dizer; para o bem não sómente entrevisto mas claramente apercebido. Depravada pela corrupção da primeira falta e esquecendo de certo modo Deus, seu auctor, ella volta toda a sua afeição para o amor da vaidade e a procura da mentira.

CONTRA A PERVERSÃO DA VONTADE

A vontade desvairada e cega pelas suas más inclinações tem necessidade d'um guia que lhe mostre a estrada, para que ella encontre os trilhos da justiça, desgracadamente abandonados. Esse guia, que não é estranho, mas nos é preparado pela natureza, é o rosso proprio espirito; se

(1) Ephes., V, 3. s.

(2) Ephes., V, 15. ss.

lhe falta a verdadeira luz, que é o conhecimento das coisas divinas, succederá que um cego conduzirá outro cego e ambos cairão no precipício. O santo rei David, louvando a Deus por ter dado ao espirito dos homens a luz da verdade, dizia: «A luz do vosso rosto foi impressa sobre nós, Senhor.» ⁽¹⁾

E o que se deriva d'esse dom da luz, dil-o elle, acrescentando: «Vós destes a alegria ao meu coração.» E' a alegria que, dilatando o nosso coração, nos faz correr na via dos divinos mandamentos.

A reflexão facilmente se convence de que assim deve ser. Effectivamente a sabedoria christã nos faz conhecer Deus e o que nós chamamos as suas perfeições infinitas muito mais profundamente do que o permitem as forças da natureza. Mas como? E' que ella ordena que se honre a Deus pelo dever da fé, que depende do espirito, e ao mesmo tempo pelo da esperança, que depende da vontade, e pelo da caridade, que é a virtude do coração; e assim, submete todo o homem a esse supremo auctor governador.

Do mesmo modo, não ha senão uma sciencia de Jesus Christo que nos faz conhecer a verdadeira e eminente dignidade do homem, filho do Pae celeste e chamado a viver eternamente e felizmente com elle. Christo conclue que os homens se devem amar reciprocamente como irmãos e viver no mundo como convém a santos, não nos festins e na embriaguez, nem na voluptuosidade e nas impurezas, nem nas disputas e nas rivalidades. ⁽²⁾ Ordena egualmente que refiramos a Deus toda a nossa solicitude, para que elle se ocupe de nós; manda dar a esmola aos pobres, fazer bem áquelles que nos odeiam, preferir os bens eternos da alma aos bens ephemeros d'esta vida. Para não estarmos a passar tudo em revista, não será uma prescrição de Christo que a humildade, fonte da verdadeira gloria, é aconselhada e ordenada ao orgulhoso?

Aquelle que se houver humilhado... será o maior no reino dos céos. ⁽³⁾

E' tambem a doutrina de Christo que nos ensina a prudencia do espirito, pela qual desconfiemos da prudencia da carne; a justiça, pela qual concedemos a cada um o que lhe é devido; a força, que nos prepara para soffrer tudo e soffrer corajosamente por Deus e pela beatitude eterna; a temperança emfim, pela qual amamos a pobreza pelo reino de Deus e nos glorificamos na cruz, desprezando a ignominia. E', pois, necessario que, pela sabedoria christã, a nossa intelligencia não sómente receba a luz, que nos permite attingir a verdade, mas que a vontade esteja possuida d'um amor que nos impilla para Deus e nos junte a elle pelo exercicio da virtude.

O PERIGO DA SALVAÇÃO É MAIOR NO IGNORANTE

Estamos longe, todavia, de affirmar que a malicia e a corrupção dos costumes não possam co-existir com a sciencia da religião. Prouvera a Deus que os factos o não provassem superabundantemente! Mas nós pretendemos dizer que onde o espirito está envolvido das trevas d'uma espessa ignorancia, uma vontade recta e bons costumes se não podem encontrar. Porque, se alguém caminha de olhos abertos, poderá, sem duvida, afastar-se do caminho direito; mas aquelle que soffre de cegueira está ameaçado d'um perigo certo. Ademais, a corrupção dos costumes, se a luz da fé não está totalmente extincta, deixa a esperança d'um regresso; se a corrupção dos costumes e a ausencia de fé por ignorancia se encontram, a custo haverá logar para o remedio, e a estrada da perdição está aberta.

Porque da ignorancia da religião derivam tantos males,

e por outra parte a necessidade e a utilidade da instrucção religiosa são tão grandes, pois baldadamente se esperar que aquelle que ignora os deveres do christão os possa cumprir, é necessario agora saber a quem pertence preservar os espiritos d'esta pernicioso ignorancia e instruil-os n'uma sciencia tão necessaria.

OBRIGAÇÃO DO PADRE ENSINAR

O caso, Veneraveis Irmãos, não offerece nenhum embaraço, porque este tão grave cuidado incumbe a todos os que são pastores das almas. Estes, com effeito, são obrigados, pelo preceito de Christo, a conhecer e apascentar as ovelhas que lhes foram confiadas.

Apascentar é primeiro que tudo ensinar. «Eu vos darei pastores segundo o meu coração e elles vos farão pastar na sciencia e na doutrina.»

Assim falava Deus por Jeremias. E' por isso que o apostolo Paulo dizia:

«Christo não me enviou a baptizar, mas a prégar» ⁽¹⁾ mostrando assim que o primeiro papel d'aquelles que estão encarregados, por qualquer titulo, de governar a Igreja é instruir os fieis nas coisas santas, cargo em que estão investidos.

Creemos superfluo fazer o elogio d'esta instrucção e mostrar qual o seu preço deante de Deus.

Certamente que a esmola, que damos aos pobres para alliviar as suas miserias, tem grande merito aos olhos de Deus. Mas quem negará a superioridade do zelo e do labor pelo qual ganhamos as almas, instruindo-as e advertindo-as, não os bens eternos?

Nada pôde ser mais agradável a Jesus Christo, salvador das almas, que disse d'Elle mesmo por Isaias: «Elle me enviou a prégar aos pobres.» ⁽²⁾

⁽¹⁾ I Cor. 17.

⁽²⁾ Luc. IV, 15.

(Continua.)



ABBADIA ANTIGA

⁽¹⁾ Ps. IV, 7.

⁽²⁾ Rom. XIII, 13.

⁽³⁾ Math. XVIII, 4.

Varia

O tricentenário do "D. Quixote,"

Acompanhando a nação visinha na solemne manifestação que acaba de fazer ao immortal auctor do *D. Quixote*, contribuiremos tambem com um parco obulo n'esta homenagem á obra mais notavel da sua litteratura, com estes simples apontamentos.

Fremiu ultimamente a Hespanha inteira ao rememorar o terceiro centenario do fausto dia em que viu a luz publica pela vez primeira a *Historia do engenhoso Fidalgo D. Quixote de la Mancha*. E com razão.

O *D. Quixote*, como os *Luziadas*, a *Divina Comedia* e o *Paraizo Perdido*, por si só fazem a gloria d'um povo, e o povo hespanhol é demasiado cavalheiresco para deixar no olvido tão lidimo padrão da sua historia.

Miguel de Cervantes Saavedra veio ao mundo em pleno periodo aureo da litteratura hespanhola. Oriundo de familia illustre, desde a meninice mostrou engenho vivo, invenção rara, atilado juizo, e com uma affeição tamanha ás letras que se quedava a ler os papeis rasgados, que encontrava pelas ruas. Da qualidades nobres e elevadas realçava as ainda por virtudes raras, aprendidas na eschola da cruz.

E' por isso que no seu livro se nos depara a verdadeira sabedoria com que se formou aquelle espirito superior, que havia de empregar toda a sua vida em empresas grandiosas, sem que, cousa rara n'aquelles tempos, nunca tivesse nada que ver com o Tribunal da Inquisição.

Assim soube desprezar as honrarias da terra, desdenhando as conveniencias e vantagens que lhe offerencia a corte de Roma, aonde acompanhou o Cardeal Julio Acquaviva. Não se dando bem com a vida de corteão, que não quadrava nem ao seu character, nem ao seu genio ambicioso de gloria, sentou praça como soldado.

N'este amplexo das artes e das letras, viu-se na posse do que constituia o seu maior snhelo, qual era o de dar o seu sangue e a sua vida por Deus e pela patria. Achou-se presente e tomou parte, na tripulação de uma das galeras de Marco Antonio Colonna, na batalha do Lepante, *na mais alta occasião que os seculos passados viram e esperam ver os vindouros*, (*Quixote*, c. 39) e viu n'aquelle dia em que *deu o orgulho e a soberba mussulmana quebrantada*; (*Quixote*, Prol. 2.^a p.). E n'esse dia recebeu a recompensa de suas proezas, o premio que Deus outorga aos grandes homens, o galardão que elle apreciava mais que todos os thesouros da terra, o padecer por Christo, cuja cruz ostentava ao peito, soffrendo com alevantado animo a perda da sua mão esquerda. Character de bronze ao qual não verga nem o temor da morte em perigosas batalhas, nem a desgraça de se ver invalido, senão que necessita ainda de soffrer os opprobrios da cruz de Christo, e por isso quando cria achar descanso para as suas fadigas e o premio dos seus trabalhos, encontra-se prisioneiro dos mouros, fazem-no soffrer o captiveiro, e alli aprende *a ter paciencia nas adversidades*. (Prologo). Alli exercita e ateia a sua caridade, alli resplandecem mais que nunca as suas qualidades de patriota e christão, propondo-se dar liberdade aos seus companheiros de captiveiro e resgatar aquella fertil terra do poder dos agarenos. Não importa que se frustrassem pela traição de um renegado os seus admiraveis e bem traçados projectos; isto não deve, porém, impedir-nos de admirar o seu grande espirito, sereno e tranquillo, no meio da adversidade.

Consegue enfim ser resgatado da sua ominosa escravidão este grande homem; e por quem?

Pelos frades Trinitarios da Redempção dos Captivos, que á imitação do Mestre, sacrificavam então a sua liber-

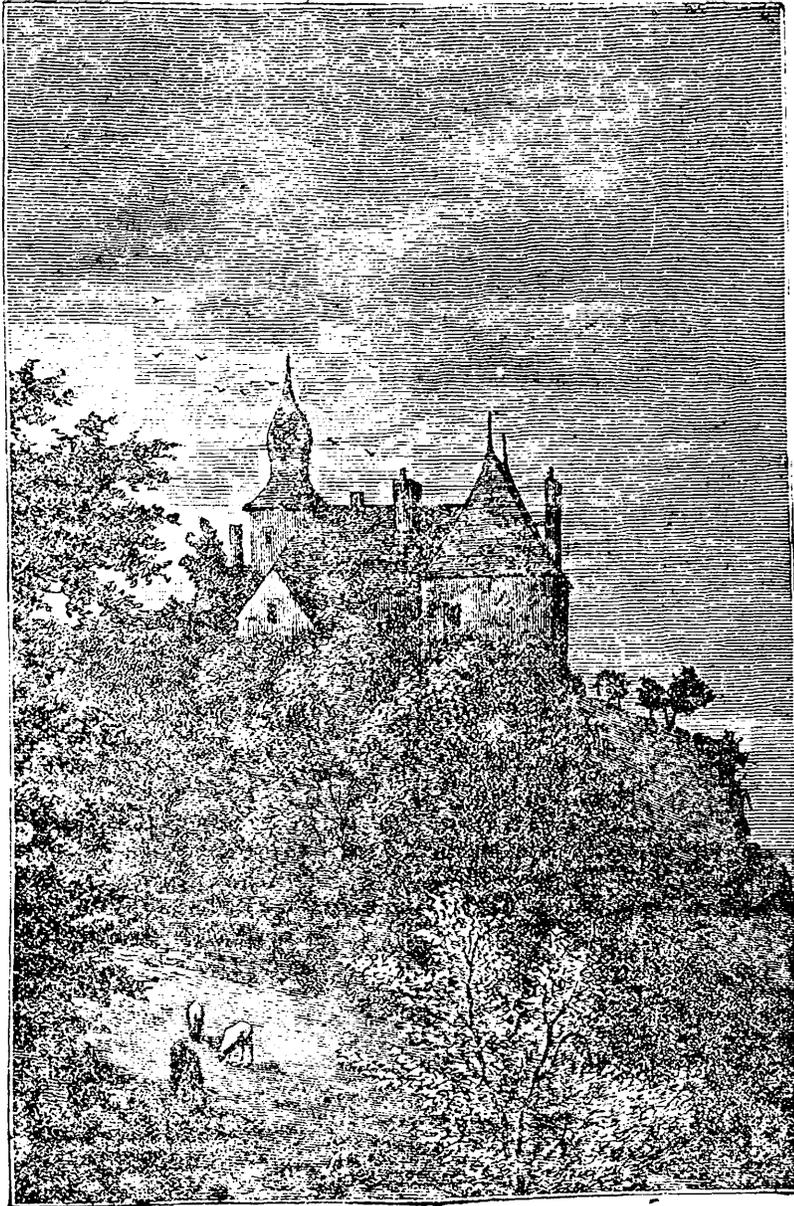
dade até darem a vida por seus irmãos. Por elles é restituído á sua patria, e a elles é devedora a Hespanha d'esta sua gloria, preparada nos soffrimentos da cruz, pois que o seu auctor teve que lutar contra a pobreza, fazendo versos e compondo novellas para sustentar-se com o seu producto. E assim foi composto o *D. Quixote*, gerado no meio de tantos revezes do seu auctor, *mais versado em desditas do que em versos*, escripto em torvo carcere em que se viu por soccorrer a um infeliz que entrou em sua casa semi-morto, por causa das feridas que recebeu em uma rixa nocturna.

Assim vê a luz primeira esta obra admiravel, na qual se revella uma grande serenidade de espirito, effeito sem duvida d'uma consciencia tranquilla; e o gracejo, a alegria, o espirito que se deixa ver por entre todas as suas linhas, a formosura sem par das suas descripções, a cordura e sabedoria dos seus preceitos, e a correctissima dicção de todas as suas clausulas, manifestam-nos exuberantemente uma grande alma incapaz de abater-se pelas amarguras, superior a todos os contratempos.

Vemos aqui traçadas magistralmente as linhas geraes dos nossos defeitos e o meio de remedial-os, sobretudo n'aquellas curtas novellas intercaladas no corpo da obra, que alguns crêem ser de um naturalismo algum tanto pronunciado, e que na realidade nada ensinam a quem nada sabe de miserias moraes nem de passionaes desvarios. Unidade no fundo, variedade na forma encontramos n'ella; *esplendor do verdadeiro* lhe chamaria Platão; *devidamente proporcionada* chamaria Santo Agostinho a esta obra que encerra em si mesma o verdadeiro concepto da belleza, porém da belleza christã. E por isso assenta como base da felicidade social as virtudes christãs e a perfeição evangelica no estado religioso (*Quixote*, II P. cap. VIII) e por isso põe como principal norma de todo o bom governante o temor de Deus e a obediencia aos seus mandatos (*Quixote*, II P. cap. XLII).

E nas proprias loucuras do sublime protogonista quem não vê perfeitamente delineadas as maiores virtudes moraes? Amante da justiça, dedica-se a desfazer aggravos; protector do desvalido, accode em soccorro do homem de trabalho, de qualquer condição que seja; magnificamente generoso, despreza todos os bens da terra que prodigaliza esplendidamente; em extremo casto, expulsa com cautella e energia todas as occasiões que de empanar esta virtude se lhe apresentam; por Deus e sua dama, cujos amores quando são legitimos não se contradizem, sabe accometer as mais altas empresas, sem que nada o arrede. E estas virtudes, que com tanta fortaleza pratica este louco sublime, não as aprenderia na eschola da cruz quando se chamava Alonso Quijano el Bueno? E quando a obra chega ao seu desenlace, não quer Cervantes que o seu louco admiravel morra fazendo loucuras, então concorda o fundo e a forma do livro, e *D. Quixote* volta a ser Alonso Quijano (*Quixote*, cap. LXXIV). Recibe os Sacramentos como christão, faz o seu testamento e morre como morrem os christãos, tranquilla e socegradamente, rodeado pelos seus que derramam sentidas lagrimas.

Assim termina a sua vida este gracioso e inimitavel louco, precisamente como havia de terminar a sua o auctor. Cervantes, christão de coração, homem de fé á qual conformou suas obras, não só pratico, mas fervoroso e devoto, como o prova o haver pertencido á V. O. T. de S. Francisco, morre com a morte dos christãos, com a serenidade em seu espirito, morre como morrem os justos, com a paz na alma, robustecido e confortado com os santos Sacramentos, manifestando nos seus ultimos instantes a virtude da gratidão: para com Deus e para com os seus protectores.



CASTELLO MEDIEVAL

Escreptos religiosos

Incredulidade

(Excerptos)

I

Em todos os tempos teem os incredulos, enfatuados de uma sciencia falsa, ou seduzidos pela vã philosophia, emprehendido destruir os fundamentos da fé, combatendo a auctoridade da revelação.

A par dos emissarios da Boa Nova, d'esses homens celebres, por suas luzes e santidade, que nos transmittiram o veneravel deposito da verdadeira doutrina, surgiram os fautores do erro, que negavam as promessas feitas a nossos paes; olhavam, como fabulas ou simples obras humanas, os prodigios operados em seu favor; combatiam a santidade de nossos mysterios; oppunham os direitos da razão á submissão dos fieis, e davam á nossa crença os nomes de superstição ou vã credulidade.

Foi sempre este, e é ainda hoje, o processo dos incredulos.

Em materia de religião, não admittem outro juiz, se não a razão, para a qual appellam, quando lhes dizem que devem acreditar os dogmas; e para recusarem submeter-se ao jugo da fé, allegam que as doutrinas do Catholicismo offendem os direitos da razão!...

O fiel, submettendo-se á auctoridade de Deus, faz d^a sua razão um uso legitimo, porque é proporcionado a sua^s forças.

Adoptar sem exame o verdadeiro e o falso; impor silencio á razão, quando ella tem direito de fazer-se ouvir; crer, sem os pesar, os motivos de credibilidade; sacrificar sua intelligencia a uma auctoridade illegitima: é uma fé imprudente e temeraria; é uma homenagem indigna do Ser Supremo.

Extender, além de seus limites, a auctoridade da razão; recusar submeter-se e acatar a auctoridade de Deus que nos revelou seus mysterios; pretender que, na religião e na natureza, nada ha que seja occulto ao homem, é precipitar a razão em um abysmo de erros, é disputar a Deus a sua omnipotencia e verdade soberana!

D'aqui se segue: que não é degradar a razão, subtrahir ao seu conhecimento, mysterios cuja intelligencia lhe não é necessaria; que o espirito humano não deve ter

a pretensão de comprehendel-os, porque, revelados por Deus, constituem todo o merito da fé, ennobrecem e aperfeiçoam a razão; finalmente que a submissão do fiel é racional, se a auctoridade, perante quem se curva, lhe ministra motivos evidentes, para o persuadir e convencer.

E não ha auctoridade maior, nem mais respeitavel, que a da Religião Catholica; nem motivos de credibilidade mais decisivos, mais triumphantes, mais proprios a submeter os espiritos menos credulos, que os que ella apresenta.

II

E' a prática da Religião o dever mais essencial do homem para com Deus, da creatura para com o Creador. Medite pois bem o fiel na antiguidade e perpetuidade do seu culto, que sem estes caracteres, não pôde haver religião verdadeira; trasporte-se ás idades primitivas, em que o homem, apenas sahido das mãos de Deus, logo rendeu suas homenagens ao Ser Supremo, a Deus Creador do céu e da terra, perscrutador dos corações, vingador do vicio e remunerador da virtude.

Este Deus, que adoramos, foi objecto do culto da humanidade, deade o principio do mundo.

A historia da nossa religião começa com a aurora dos tempos.

O homem, tornando-se culpado ouviu fallar, no proprio decreto da sua condemnação, de uma graça futura; recebeu a promessa do libertador, que viria derrubar o muro de separação, erguido pelo peccado, entre Deus e os homens. Desde então desenvolve-se a religião; a fé no Messias, que é d'ella o fundamento, torna-se o laço entre a antiga e a nova Lei.

O Mediador promettido reúne tudo em si: os patriarchas e os apóstolos teem o mesmo chefe: todos tendem para a mesma patria celeste. Só ha um nome pelo qual devem os homens ser salvos: E' o Redemptor annuciado á humanidade.

Uma multidão de prodigios accompanham a religião, desde o seu nascimento; maravilhas e acontecimentos previstos, em seculos remotos, realisam-se nos seculos seguintes. Um povo escolhido torna-se o depositario das promessas; tudo retrata a seus olhos a imagem do Messias.

O Sacrificio de Abrahão, a immolação do Cordeiro paschal, a elevação da serpente de bronze, as ceremonias dos sacrificios, a escolha das victimas, tudo lhe lembra esse libertador promettido e ardentemente desejado. Só d'esta angusta promessa se occupam os prophetas; tendo sempre diante de si a imagem d'esse Redemptor, pintam-no com as mais vivas côres; não omittem circumstancia alguma da sua vida ou da sua morte, dos seus opprobrios, ou de suas grandezas!...

Umaz vezes apparece a seus olhos, sem belleza e sem brilho, como um homem de dôres, uma victima, vergando ao peso de nossas iniquidades: outras, não podem sustentar o peso da sua gloria; veem n'elle um Senhor formidavel, o Principe da Paz, o Deus forte, admiravel, que sahe do seio do Eterno, antes da aurora, e cujo throno é rodeado de reis humilhados!... Seus inimigos vencidos tremem a seus pés, seu reino estende-se sobre as gerações futuras, e todas as nações veem prestar homenagem a sua magnificencia e grandeza!...

JOSÉ VICTORINO PINTO DE CARVALHO,

Abbate de Mancellos



As nossas gravuras

Mosteiro de Leça do Bailio

(Vide numero anterior)

Este mosteiro é um glorioso padrão do Portugal historico, sendo a sua fundação anterior á da monarchia portugueza.

A egreja foi reedificada pelo seculo XI, sendo abbade do mosteiro D. Guntino. Pelo anno de 1112 a 1118 foi admittida a Ordem de S. João de Jerusalem, ou do Hospital, ficando depois d'isto pertencendo a esta Ordem, e sendo mais tarde sua cabeça.

Os seus privilegios e riquezas demandavam uma construcção mais vasta, motivo por que o bailio de Leça, D. Frei Estevão Vasques Pimentel emprehendeu a construcção da actual, que só foi concluida no reinado de D. Affonso IV, no anno de 1336. Data d'este mesmo tempo a torre elevadissima, que está junto do templo e que era destinada á defeza do mesmo.

Em 1834 acabou o baliado de Leça, e o templo ficou servindo de egreja parochial.

A porta d'este templo, que não se vê na gravura, é guarnecida de oito delgadas columnas, terminando em arcos ogivais, e sobre ella admira-se um espelho formosissimo com lavrados e rendilhados primorosos. O mais é tudo liso, coroando o templo a cruz de Malta e um renque de ameias, o que lhe dá um aspecto de fortaleza da idade media. O interior é formado por tres arcos, e tem de comprido trinta e seis metros e quatorze de largo. Tem cinco altares. A pia baptismal, que mandou fazer o bailio D. Frei João Coelho, é uma obra preciosissima pelas bellas esculpturas que a cobrem.

Nos primeiros tempos da monarchia foi muito visitado pelos nossos reis.

Convento de S. Gonçalo em Amarante

(Vide numero anterior)

S. Gonçalo de Amarante, nascido em uma freguezia de Guimarães, foi frade de S. Domingos da mesma cidade, onde professara, e depois d'uma peregrinação á Terra Santa, fôra junto do rio Tamega edificar uma capellinha para servir de amparo aos caminantes que por alli passavam, com grande risco na estação invernos, por terem de passar o rio a vau.

Um pequeno albergue e a ponte foram mais tarde edificados. Morrendo o santo, os romeiros affluiram a visitar a sua sepultura. Estabeleceu-se uma estalagem, as casas foram se edificando á volta e assim se constituiu Amarante.

Os seus habitantes, passados tempos, ardiam em desejos de edificar templo mais grandioso, que abrangesse no seu ambito a humilde ermida do santo; mas as difficuldades avultavam.

Os frades de S. Domingos, de Guimarães, onde professara o santo, resolveram satisfazer os justos desejos d'estes povos, e dirigiram supplicas a D. João III, para que patrocinasse o pedido. O monarcha piedoso annuiu e o mosteiro fez-se.

Pouco esbelta é a frontaria do templo; mas nem por isso deixa de ser rica, pois que, dividida em tres corpos, decorados com duas columnas e seis estatuas, representa admiravelmente essa architectura chamada da renascença, estylo que então se introduzia em Portugal. O interior do templo é admiravel pela talha dourada que adorna os altares.

No convento acham-se actualmente estabelecidas algumas repartições do estado.



Boletim scientifico

Prophylaxia do sezonismo

A população rural, infelizmente, conhece bem o que são as sezões ou as maleitas, como vulgarmente lhes chamam.

As sezões são um apanagio dos logares baixos e pantanosos.

A simples picada d'um mosquito, o *anopheles claviger*, inoculando no sangue o agente pathogenio, produz o conjuncto de doenças a que se dá o nome de *impaludismo*.

Eis como se propaga a doença: Um mosquito pousa sobre a pelle d'um doente com sezões, suga-lhe o sangue e com elle muitos parasitas, que vão continuar a viver e propagar-se no estomago do animal, espalhando-se depois pelo corpo até á tromba, com que o insecto ao morder novas pessoas, vae disseminando n'ellas o germen das sezões.

Foram estas as conclutões a que chegou Laveran, o

quitos pelos caracteres seguintes: As asas tem pequenas pontuações negras, havendo apenas uma especie no nosso paiz, que tem as asas pontuadas sem serem *anopheles*, mas que d'elles diff-rem pelo seu tamanho; os *anopheles* pousam com a cauda levantada e a tromba dirigida para o objecto em que estão pousados, ao passo que os outros mosquitos pousam, conservando o corpo não inclinado. E' este um bom signal para se conhecerem.

Digamos agora duas palavras sobre os meios conhecidos de destruição dos mosquitos.

São estes variaveis. Na primeira idade, visto que vivem na agua, devem evitar-se nas proximidades das casas todos os charcos ou poças, onde possam desenvolver-se.

No caso em que seja impossivel remover-se este obstaculo por meio de canalisações, cultura de plantas proprias, como eucalyptos, etc., deve procurar-se mata-los mesmo na agua.

E' um bom meio agitar-se a superficie dos charcos ou tanques pequenos com um panno embebido em petroleo, ou ainda quando as dimensões d'estes reservatorios são



ALDEÃOS DOENTES DE MALARIA — DESCENDO O TIBRE

(Quadro de Hebert)

primeiro que estudou definitivamente o agente do impaludismo, o hematozoario.

Eis um exemplo: Levam-lo-se da Italia, onde as febres paludosas campeam endemicamente nas regiões da *malaria*, alguns mosquitos *anopheles*, apanhados nos quartos dos doentes, foram elles provocar a doença em Londres, onde não ha sezões, em um medico, que por grande amor á sciencia se deixou morder por elles.

E', pois, da maxima importancia o conhecer os *anopheles*, destruil-os, ou pelo menos evitar a sua mordedura.

Todos estes mosquitos depõem ovos nas aguas de fraca corrente d'estes; nascem uns pequeninos animaes parecidos com cobras minusculas, de movimentos muito rapidos em zig-zag, e que, chegados ao seu pleno desenvolvimento, deixam sahir do seu interior o *anopheles*.

D'estes pequenos animaes, d'onde proveem os mosquitos, uns collocam-se quando estão quietos como dependurados pela cauda, que tem duas pontas, da superficie da agua, outros, em que a cauda não é bifurcada, descansam deitados á superficie.

Estes, abundantes nos arrozaes, são os que produzem a casta dos *anopheles* e distinguem-se dos outros mos-

maiores lançar n'elles uma pequena porção d'este liquido, 10 cent. cub. por metro quadrado, o que é bastante para asphyxiar todas as larvas. Nas aguas destinadas á bebida dos gados substitue-se o petroleo por pó de flôres de macella ou margaça (6 milligr. por litro) ou pelo gallol larvicide (7 milligr. por 10 litros) que o commercio fornece por baixo preço.

Na idade adulta, quando já o mosquito tem deixado a agua, a sua destruição é mais difficil, por isso temos que limitar-nos apenas á sua afugentação ou á defeza contra as suas picadas.

A luz intensa afugenta os mosquitos, porisso recomendam-se as grandes fogueiras, que os affastam não só pela sua luz intensa como ainda pelo fumo e cheiro das substancias queimadas. Para este fim usam-se os ramos de eucalypto, de pyrethro, as flôres de macella, que dão bons resultados.

Além d'isso, ha outras precauções a tomar, seguindo o exemplo da Italia nas regiões da *malaria*. São ellas a conveniencia em recolher, nos logares sezonaticos, ao comecar o crepusculo, e não sahir antes do dia claro; a protecção das janellas das casas por meio d'uma rede fina

de arame, de 1,^m5 de malha o maximo; o uso de mosquiteiros nas camas, sem impedimento do facil accesso do ar e da luz.

Recommenda-se ainda a construcção das casas em logares altos, varridos pelos ventos, e o corte de hervas altas nos terrenos que circuitam as habitações, posto que isto seja algum tanto difficil de realisar.

No entanto, o paludismo tem um inimigo, a civilisação. E' a civilisação que fez a prophylaxia geral do paludismo, arroteando os terrenos incultos, colonisando-os, arborisando-os, seccando os logares humidos, em uma palavra, saneando o solo. Não ha que recear o paludismo no centro d'uma cidade bem pavimentada.

A prophylaxia individual impõe-se. E' preciso evitar portanto: a agua suspeita, que se beberá fervida; os maus ares, residindo nos logares altos principalmente de noite; e removendo-se o solo sobretudo com bom tempo. E' preciso evitar as occasiões d'uma primeira investida por insolação, resfriados, fadigas, excessos, etc, ou ainda por recidivas.

Para os viajantes, soldados e colonos propöz-se o emprego preventivo da quinina.

Os resultados comtudo são controversos, por isso ainda se não fixou a dose a empregar nem a duração do seu emprego. Parece mais logico administrar a quinina prophylactica por doses medias duas ou tres vezes por semana (1 gramma) do que por doses minimas quotidianas.

DR. ***



Retrospecto da Quinzena

Ao mez de maio, o mez de Maria, segue se agora o mez de Jesus.

Alegra-se o céo e a terra para esta festa ininterrupta, que ora accende os corações dos crentes. Nos templos, ou ainda no recondito dos corações, erguem-se odoríferas espiraes de preces, dirigidas ao SS. Coração de Jesus, n'este mez da sua consagração.

Que Elle as acolha benignamente como offerenda que é dos seus humildes filhor.

Sob o titulo de *Liga catholica contra a má imprensa* acaba de fundar-se nma agremiação em B-rga, Hespanha, debaixo da protocção da SS. Virgem de Lucralt e com a benção do Bispo de Segovi.

Entraram na Liga o Apostolado da Oração, o Fomento Catholico e a Associação das Filhas de Maria d'aquella cidade e juraram guardar entre outras estas preciosas resoluções:

1.^o Não vender, nem comprar, nem ler a imprensa liberal, maçonica, athea, anarchista, socialista ou pornographica, nem proporcionar-lhe dinheiro ou material.

2.^o Não proteger os estabelecimentos, que assignam a má imprensa, ou que offerecem a seus membros cu freguezes qualquer periodico liberal.

3.^o Assignar, comprar, propagar a boa imprensa e fazer segundo as forças de cada um que aumente a leitura dos periodicos catholicos.

Oxalá este exemplo encontre entre nós muitos imitadores.

E' com vivo jubilo que felicitamos com todas as veras da alma o nosso presado collega *Revista Catholica*, de Vizen.

Este denodado campeão do jornalismo catholico, que

apresenta uma brilhantissima folha de serviços, acaba de introduzir um importante melhoramento, passando a ser bi-semanal.

Mais e mais poderá pugnar agora n'esta grande causa da imprensa catholica, motivo pelo que mais uma vez felicitamos.

Ao seu illustre director, rev.^o Conego Miguel Ferreira d'Almeida, os nossos effusivos parabens.

Por decreto publicado já no *Diario do Governo*, foi nomeado conego da Sé do Funchal o nosso amigo e collega da Cruz, sr. dr. Antonio Pereira Ribeiro.

Fulgamos com a nomeação do sr. dr. Ribeiro para aquella dignidade capitular, de que é verdadeiramente digno, pela sua muita illustração e primorosos dotes de coração e de character.

Para solemnisar o dia 24 de janeiro, dia do santo do seu nome, S. Magestade o Rei de Hespanha fez os seguintes donativos:

Ao Bispo de Madrid Alcalá 500 pesetas. Ao asylo dos Orphãos do S. Coração de Jesus 2000. A's escolas dominicaes 1000. A' Real Associação de Beneficencia Domiciliaria 10000. A's Conferencias de S. Vicente de Paulo 2000. A' Associação do Patrocinio de Maria 250. Ao asylo das meninas Orphãs de S. José e do S. Coração de Jesus 200. Ao asylo da Mendicidade de Santa Christina 250. Ao Convento de N. S. do Rosario 125... Estas sommas e outras, que deixamos de enumerar, attingem 25000 pesetas.

Bom exemplo aos poderosos.

Pensavam os protestantes e procuravam levar á realidade edificar uma igreja em Barcelona. Logo que o Em.^{mo} Prslado, Cardeal Casañas, d'isto teve conhecimento dirigiu-se a D. Affonso XIII, pedindo a sua intervenção efficaz. Esta não se fez esperar, e a carta-resposta ao Em.^{mo} Cardeal é digna d'um rei catholico, pois alli faz a sua profissão de fé e promette não consentir que venha a insultar-se impunemente a religião catholica.

O Imperador da Allemanha determinou que em todos os navios de guerra haja um capellão catholico para attender ás necessidades espirituas dos soldados catholicos.

Revejam-se n'este espelho as nações catholicas que se deixam dominar pela maçonaria.

O governo dos Estados Unidos enviou ultimamente para as ilhas Philipinas tres mil e quinhentos mestres catholicos.

Por um convenio celebrado entre o Rev.^o P. Henry, superior dos missionarios de S. José em Mill Hill, Inglaterra e o Soberano do Estado Independente, vão fundar-se Missões catholicas inglezas no Congo belga. O R. P. O' Grady foi nomeado superior geral d'esta missão.

Segundo um catalogo necrologico publicado em Roma no mez de janeiro ultimo, attingem o numero de 168 os missionarios catholicos, que, no mundo inteiro, durante o anno de 1904 entregaram a sua alma ao Creador em serviço das almas. N'este catalogo ou melhor n'estas paginas do grande livro da vida immortal, estão registados os nomes de 12 Bispos e 151 sacerdotes, dos quaes 31 pertencem á Companhia de Jesus.

Beati pedes evangel'santium pacem.

N'uma carta d'um missionario dirigida á revista *Die Katholischen Missionen* encontramos a seguinte relação sobre o estado actual da religião catholica no imperio do *Sol nascente*.

«Os missionarios, que actualmente estão trabalhando no Japão, têm percorrido de um extremo ao outro o vasto territorio do imperio, e hão annunciado o santo Evangelho em todas as cidades principaes e povoações de importancia. Agora acham-se alli 114 sacerdotes europeus, 30 japonezes e 268 catechistas. O numero dos christãos baptisados é actualmente de 58:086 sem contar os 1561 da ilha Formosa. A capital Tokio conta 5000 catholicos repartidos em cinco parochias. Em todo o Japão ha cerca de 380 christandades entre as quaes 145 possuem uma igreja propriamente dita; as demais devem contentar-se com simples oratorios domesticos e mesmo com as casas particulares. Ordinariamente os missionarios visitam duas vezes por mez estas igrejas, e quando isto lhes é impossivel, são substituidos por um catechista ou pelo christão mais antigo e respeitavel.

Os missionarios publicam livros de propaganda aos milhares. Só a missão de Tokio tem a propriedade de mais de cem obras de polemica e de exposição catholica da religião, e uma *Vida de Christo* é trabalho de um celebre professor dos tres convertidos que ensinam na Universidade.

Além d'isto publicam-se duas revistas quinzenaes destinados á instrucção dos christãos, e têm o nome de *Kie* e de *Tsuzoku-Schukyō-dan*: n'ellas trabalham varios missionarios europeus e japonezes e contam com 3000 assinantes.

Em geral escrevem-se em lingua japoneza; só algumas publicações scientificas são redigidas em francez ou inglez. Assim, por exemplo, publica-se em francez em Tokio, com o titulo de *Mélanges*, desde janeiro de 1904 uma revista, que dá um resumo dos artigos mais importantes das revistas estrangeiras e acompanha o movimento philosophico e theologico do mundo».

Falleceu em Roma no dia 28 de abril findo o Eminentissimo Cardeal Ajuti, que durante oito annos exerceu o alto cargo de Nuncio Apostolico na nossa côrte.

Com a morte do Cardeal Ajuti perde a Igreja Catholica um dos seus mais bellos ornamentos.

Em Portugal foi a sua morte profundamente sentida, pois em oito annos que viveu na capital soube conquistar a sympathia de todos os nossos homens politicos das varias facções, pela forma como sempre defendeu os interesses da Igreja.

Sua Eminencia, durante a sua doença mortal, pediu que expressassem na imprensa catholica portugueza todo o seu effecto e reconhecimento ao nosso paiz. Sua Eminencia ficou profundamente commovido com o interesse que por elle tomou a rainha sr.^a D. Amelia, informando-se da sua saude em successivos telegrammas.

Que Deus haja em Sua santa guarda a alma do chorado Cardeal são as nossas mais fervorosas preces.

O Cardeal Ajuti nasceu em Roma a 17 de janeiro de 1849. Seu pae Pedro Ajuti, descendia de uma patricia de Trapani, e sua mãe Thereza Leoni provinha de uma illustre familia genoveza.

Em 1876 foi enviado como secretario para a nunciatura do Rio de Janeiro; em 1877 era secretario na nunciatura de Munich, e em 1882 foi nomeado auditor junto á mesma nunciatura. Em 1886 foi enviado em missão especial ás Indias Orientaes para a execução da concordata entre o Papado e Portugal, sendo então elevado á dignidade de arcebispo titular de Avida.

Em 1891 foi nomeado secretario da Propaganda Fide

para os negocios do rito oriental; em 1893 foi-lhe confiada a nunciatura de Munich, e em junho de 1895 succedeu ao Cardeal Jacobini como Nuncio Apostolico em Lisboa, onde esteve até julho de 1903, sendo então nomeado Bispo de Damietta.

O Cardeal Ajuti tinha a grã-cruz da Ordem de Christo de Portugal, da Cruz da Baviera, e do Leão da Bida, e a commenda da ordem de Francisco I de Napoles. Era assistente ao Throno Pontificio, e por consequencia Conde Palatino, titulo inherente a esta dignidade.

Filippe Barconi vivia em Libari, segundo no-lo noticia o *Correo de Napoles*, periodico liberal italiano. Acostumado sempre a proferir toda a sorte de blasphemias e inconveniencias, sendo um verdadeiro martyrio para todos os seus, um dia, n'um accesso de colera, arremessou um objecto contra uma imagem da SS. Virgem, accrescentando com cynismo: «Se tu és quem dizem, destroe-me o braço com que te desafio». O castigo não se fez esperar pois que em poucos dias aquelle desditado viu desffeito e grangrenado o seu braço, resultandolhe a morte.

O nosso presado collega «A Palavra» abriu nas suas columnas uma subscrição publica, destinada ao efferecimento d'uma penna d'ouro ao glorioso jornalista catholico, Manuel Fructuoso da Fonseca. Para se ajuizar do entusiasmo com que foi acclhida esta ideia basta dizer-se que ao fim de tres dias já attingia uma quantia superior a cem mil reis.

Bibliographia

Meditações para o mez do Sagrado Coração, por A'olphe Brudon. Traducção do dr. Ayres Borges, com approvação do Rev.^{mo} Bispo do Porto. — Editor José Fructuoso da Fonseca, Rua da Picaria, 74 — Porto. — E' muito abundante a litteratura religiosa sobre a piedosa devoção do mez de junho, o mez do Sagrado Coração, e n'esta deparam-se-nos obras cheias da maior unção religiosa. Este, porém, que ainda ha pouco sabiu á luz, vêm occupar um superior lugar entre todos, pois que o seu auctor, homem d'uma piedade encendrada, pretendeu fazer primeiro que tudo um livro que fallasse á alma.

E logrou-o exhuberantemente. Quem lêr este livro achará encantos indiziveis como só os poderia escrever um espirito de eleição, que tal era o seu piedoso auctor, presidente dos Conselhos centraes das Conferencias de S. Vicente de Paulo.

A traducção é bellissima, confiada como foi a uma outra piedosa pessoa.

E' um bello livrinho, que está á venda na Typographia Catholica, rua da Picaria 74 — Porto, custando apenas 200 reis.

Junho santificado, ou Manual de meditações e orações para o mez consagrado ao SS. Coração de Jesus, por D. Miguel de Sotto Mayor. Aprovado e indulgenciado. — Editor José Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74 — Porto. — Eis outro livro preciosissimo para a devoção ao SS. Coração de Jesus. Mais uma vez o seu editor prestou um bello serviço na publicação de taes obras. Lê-se com o mais suave encanto, devido ao odor mystico e doutrinario que respira por todo elle. Não conhecemos melhor entre os seus congeneres, por isso recommendamol-o muito especialmente, consciós de que será muito bem acceite.

Acha-se á venda na mesma typographia e custa apenas 200 reis.

EXPEDIENTE

Na presente cobrança fôram-nos devolvidos grande numero de recibos.

Pedimos encarecidamente aos nossos estimaveis assignantes em atrazo de mais d'um anno, que não queiram que lhes seja suspensa a remessa do nosso jornal, a fineza de satisfazerem o importe dos seus debitos no mais breve possivel.

A todos os nossos presados assignantes que pontualmente pagaram os seus saques, a esses o nosso indelevel reconhecimento.

ANNUNCIOS

Progresso Catholico

Compram se colleções completas na administração d'este jornal.

ADOLPHE BAUDON

MEDITAÇÕES

PARA O

Mez do S. Coração

TRADUZIDAS POR

AYRES BORGES

Approvadas e indulgenciadas pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.

D. ANTONIO, BISPO DO PORTO

Preço . . . 200 reis

JUNHO SANTIFICADO

OU Manual de Meditações e Orações

PARA O MEZ CONSAGRADO AO

Santissimo Coração de Jesus

POR

D. MIGUEL SOTTO MAIOR

Approvado e indulgenciado

Preço enc. . . . 200 reis

VIDA

DO

GLORIOSO PATRIARCHA S. JOSÉ

Extrahida e reduzida a compendio do que escreveram os Sagrados Evangelistas, Santos Padres e varões pios

PELO

Padre João Baptista de Castro

Preço . . . 500 reis

IMITAÇÃO DE CRISTO

Novissima edição confrontada com o texto latino e ampliada com notas por

MONSIEUR MANUEL MARINHO

Approvada e indulgenciada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.

D. ANTONIO, BISPO DO PORTO

Preços :

Em percalina	300 reis
Em carneira com folhas douradas.	500 "
Em chagrin, douradas	15000 "

A ALMA

NO

CALVARIO

CONSIDERANDO

Os soffrimentos de Jesus Christo e achando ao pé da Cruz a consolação para as suas penas

COM

ORAÇÕES, PRATICAS E HISTORIAS SOBRE DIVERSOS ASSUMPTOS

PELO

P. BRAUDAND, S. J.

TRADUZIDA DO FRANCEZ

Approvada e indulgenciada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio, BISPO DO PORTO

Um volume de perto de 400 pag.	300 reis
Encadernado	500 "

FLORES A S. JOSÉ

MEDITAÇÕES PARA O SEU MEZ

OU

QUALQUER TEMPO DO ANNO

COM

Exemplos apropriados, colloquios, etc.

Extrahidas das Sagradas Escripturas Sanctos Padres e Douctores da Igreja e outros eminentes auctores

E

Coordenada por A. L. E.

Preço, 200 réis

Pedidos á casa editora FONSECA—Rua da Picaria, 74—Porto e ás principaes livrarias.

José Joaquim d'Oliveira

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 105—BRAGA

Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887, Industrial de Lisboa de 1888 e Universal de Paris de 1889

Fabrica de damascos de sêda e ouro, lisos e lavrados paramentos para igreja; galões e franjas d'ouro fino e falsc; setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portuguezas.